

***O dialético, a dialética, as dialéticas em Hegel***  
***The dialectical method, the dialectic, and the dialecticals in***  
***Hegel***  
***Le dialectique, la dialectique, les dialectiques chez Hegel***

André Stanguennec \*

---

**Resumo:** O texto que ora se apresenta discute uma importante questão terminológica na filosofia hegeliana. Cuida-se de distinguir o uso da dialética como método, como movimento do método e como metaconceito inerente a filosofia de Hegel. Para tanto se utiliza primeiro uma distinção morfológica entre o papel do substantivo e do adjetivo para concluir pelos diversos uso e significados da mesma expressão conforme a utilização morfológica no idioma alemão.

**Palavras chaves:** Hegel. Filosofia. Idealismo. Dialética

**Abstract:** The text presented here discusses an important question of terminology in Hegelian philosophy. Doing distinguish the use of dialectic as a method, of your use as the movement the method and as meta-concept inherent in the philosophy of Hegel. the article initially use a morphological distinction between the role of the noun and adjective to composing the various meanings in expression dialectic's in your use in German.

**Keywords:** Hegel. Philosophy. Idealism. Dialectic.

---

A publicação, em língua francesa, de três livros dedicados a Hegel oferece algo de notável que, apesar da distância dos métodos ou dos temas, cada autor insiste sobre a riqueza, muito frequentemente desconhecida, do dialético em Hegel<sup>1</sup>. Mas por que falar aqui *do* dialético? E deve-se considerar como uma confusão a assimilação *do* dialético à dialética?

Um leitor escrupuloso da *Encyclopédia* objetará que Hegel, ele mesmo, favoreceu esta assimilação, posto que a exposição do “momento dialético” é seguida,

---

\* Professor emérito da Universidade de Nantes, e Presidente da Sociedade Nantaise de Filosofia desde 1996. E-mail: [stanguennec.andre@neuf.fr](mailto:stanguennec.andre@neuf.fr) Este artigo apareceu pela primeira vez em *Revue de Métaphysique et de morale*, juillet-septembre 1977, após em *Estudos Pós-Kantianos*, Lausanne, Editions L'Age D'Homme, 1987. O presente texto foi traduzido da versão em TINLAND, Oliver. *Lectures de Hegel*. Paris: Livre de Poche, 2005, p. 86-112. Tradutores: Agemir Bavaresco (PUCRS), Danilo Vaz-Curado Costa (UFRGS) e Paulo Roberto Konzen (UFRGS). E-mails de contato: [abavaresco@puers.br](mailto:abavaresco@puers.br), [danielocostaadv@hotmail.com](mailto:danielocostaadv@hotmail.com) e [prkonzen@yahoo.com.br](mailto:prkonzen@yahoo.com.br)

<sup>1</sup> Gerard Lebrun, *La Patience du concept*, Paris, Gallimard, 1972; Bernard Quelquejeu, *La volonté dans la philosophie de Hegel*, Paris, Ed. du Seul, 1972; André Léonard, *Commentaire littéral de la Logique de Hegel*, Paris, Vrin, Bibliothèque philosophique de Louvain, 1974.

nesta obra, de uma “anotação”, onde o adjetivo substantivado e o substantivo parecem bem poder ser tomados um pelo outro. Que se julgue: “1º O dialético [*das Dialektische*], tomado a parte por ele mesmo pelo entendimento, constitui, particularmente quando ele é apresentado nos conceitos científicos, o *ceticismo* [...]. Em sua determinidade própria, a dialética [*die Dialektik*] é antes de tudo a natureza própria, verdadeira, das determinações do entendimento, das coisas e do finito em geral”<sup>2</sup>. Convenhamos que o sentido destas proposições é indiscutível; o dialético e a dialética designam, indiferentemente, “uma natureza própria”, um conteúdo “apresentado” nos “conceitos” objetivamente considerados. Mas, nosso leitor, supostamente escrupuloso, convirá igualmente que um autor pode, localmente, negligenciar uma distinção terminológica cujo respeito seria, todavia, conforme a sintaxe de textos decisivos porque mais numerosos.

Vamos inicialmente observar que nesta passagem do § 81 da *Enciclopédia*, a forma adjetivo substantivada (*das Dialektische*) parece mais conveniente, posto que ela concerne “ao momento dialético” (*das dialektische Moment*), situado entre “o primeiro momento, o elemento relevante do entendimento”<sup>3</sup>, e o momento “especulativo ou positivamente racional”, que apreende “a unidade das determinações em sua oposição”<sup>4</sup>.

Notemos, além disso, que estes três lados não representam três “*partes* da Lógica” (*die Logik*), mas sendo “os momentos do todo, o que tem uma realidade lógica, isto é, de todo conceito ou do todo, o que é verdadeiro em geral”<sup>5</sup>, constituem “o lógico” (*das Logische*). Ao encontro da distinção entre o dialético e a dialética que nós buscamos aqui elucidar, a diferença entre o lógico e a lógica é explicitamente posta por Hegel: o lógico ou o conceitual é o conteúdo do conhecimento filosófico em geral, conteúdo que a Lógica, ciência filosófica particular, tem o privilégio de expor em seu estado puro. Ademais, na medida em que, segundo nosso autor, “a Filosofia da Natureza e a do Espírito aparecem pelo contrário de qualquer modo como uma Lógica aplicada, pois a Lógica é a alma que as vivifica”<sup>6</sup>, a explicação da distinção entre o dialético e a

<sup>2</sup> Hegel, *Encyclopédie des sciences philosophiques*, § 81, trad. Bernard Bourgeois, Paris, Vrin, 1970, p. 343.

<sup>3</sup> Hegel, *ibid.*, § 79, trad. p. 343.

<sup>4</sup> Hegel, *ibid.*, § 82, trad. p. 344.

<sup>5</sup> Hegel, *ibid.*, § 79, trad. p. 343.

<sup>6</sup> Hegel, *ibid.*, § 24, adendo 2, trad. p. 477. Segundo Hegel, a lógica é, em relação às ciências particulares, como a “gramática” (nós diríamos a linguística) em relação às instituições de uma cultura: à criança, lógica e gramática parecem completamente exteriores em seus conteúdos: ao contrário, o adulto cultivado

dialética do lógico operada em nível “da” Lógica não perde nada ao ser “aplicada” ao nível da Natureza e do Espírito.

A dialética não denominaria o processo global do lógico, no qual o dialético representaria apenas uma das fases? Numerosos são, com efeito, os textos que vêm em apoio desta hipótese. Consideremos, por exemplo, esta passagem dos *Princípios de Filosofia do Direito*: “a dialética superior do conceito não consiste em produzir e conceber a determinação simplesmente como limite e contrário, ela consiste ao contrário em produzir e conceber a partir dela o conteúdo e o resultado *positivos*, por isso ela é apenas *desenvolvimento* e progressão imanente”<sup>7</sup>. Hegel sublinha claramente aqui o caráter incompleto *da* dialética, reduzida a seu momento negativo e provisório, *ao* dialético. Gérard Lebrun, fazendo referência a este texto, nota que a expressão “a dialética” não tem aqui o mesmo sentido do que na *Enciclopédia*: “é esta fase que o § 82 da *Enciclopédia* designa como *das dialektische Moment* propriamente dito, a saber, “a autossuprassunção de tais determinações finitas e sua passagem em suas oposições”<sup>8</sup>. A palavra “dialética”, Hegel reserva então à “pura e simples denúncia das determinações finitas”<sup>9</sup>. Paradoxalmente, com efeito, ele não faz nenhum uso do substantivo “a dialética” para nomear “o método especulativo” no interior dos textos que Hegel lhe dedica na *Enciclopédia* (§ 237 ao 244). Dos três momentos do método, *começo, progressão e fim*, é, de maneira significativa, sobre o *segundo* que Hegel escreve que “é a dialética...”<sup>10</sup> e acrescenta: “ele é o *negativo* do começo...”<sup>11</sup>. Hegel optou, então, nesta obra pela restrição do sentido da dialética: ela não se estende para além do momento segundo, ou negativo, do método. “Mas parece, acrescenta G. Lebrun, que ele retoma esta decisão na *Filosofia do Direito*: “a dialética”, agora,

---

sabe o quanto as “formas” linguísticas de uma parte, dialéticas de outra parte, penetram intimamente o conteúdo das instituições e das ciências naturais e humanas: “as mesmas regras e formas tem doravante um valor, pleno, rico, vivente” (Hegel, *Science de la logique*, trad. P.-J. Labarrière e G. Jarczyk, Paris, Aubier, 1972, I, p. 30). Assinalamos a esta propósito uma lacuna na tradução da *Science de la logique* por S. Jankélévitch, Paris, Aubier, 1947, v. I, p. 44: esta frase e a seguinte são omitidas em sua versão da Introdução. – Ed. G. Lasson, Hamburg, F. Meiner, 1963, I, p. 39.

<sup>7</sup> Hegel, *Principes de la philosophie du droit* (1821), § 31, anotação, trad. J.-F. Kervégan, Paris, PUF, “Quadrige”, 2003, p. 140.

<sup>8</sup> N.T.: A edição acima menciona a passagem de Hegel como estando no § 82, mas ela se passa no § 81 da *Enciclopédia*: “Das *dialektische Moment* ist das eigene Sichaufheben solcher endlichen Bestimmungen und ihr Übergehen in ihre entgegengesetzten”.

<sup>9</sup> G. Lebrun, *La Patience du concept*, p. 332.

<sup>10</sup> Hegel, *Encyclopédie*, trad. p. 239.

<sup>11</sup> Hegel, *ibid.*.

engloba o momento que a *Enciclopédia* nomeava especulativo ou racional positivo”<sup>12</sup>. Que a dialética seja o movimento total do conceito é o que sugerem ainda numerosas passagens do Prefácio da *Fenomenologia do Espírito*; assim: “o elemento da filosofia é o processo que engendra e percorre seus momentos”<sup>13</sup>, e mais abaixo: “o movimento dialético, esta marcha [*dieser Gang*] engendrando ela mesma o percurso de seu processo e retornando a si mesmo”<sup>14</sup>. Mas, o movimento dialético (*die dialektische Bewegung*) é mesmo a dialética? O contexto, em todo o caso, a nomeia: “a dialética” apresenta-se como a “demonstração deste movimento”<sup>15</sup>. Por intermédio da ideia de *método* parece que se pode reunir o movimento total e a dialética, posto que “o método deste movimento” apenas é “a estrutura do todo exposto em sua pura essencialidade”<sup>16</sup>.

Com estas análises, aborda-se o tema da dialética como método ou, como diz alhures Hegel, “o andamento do conceito” (*der Gang des Begriffes*)<sup>17</sup>. Assim como relembra de modo útil André Léonard, “método” vem do grego μεθ’ ὁδον, significando literalmente: “ao longo do caminho”, “andamento”, “processo”<sup>18</sup>. Nesta marcha, a travessia (δίαι) de um conceito a outro (λόγος) justificaria naturalmente o emprego do substantivo “dialética”, e como é a negatividade do segundo momento que assegura a transição a *outro conceito*, “o lado do lógico é chamado “dialético”, porque nele isso é o momento intermediário ou transitivo (δίαι) pelo qual o logos (λόγος) passa de uma categoria a outra, e as atravessa todas, que é posto em evidência”<sup>19</sup>. Parece que agora alcançamos o termo da elucidação da relação entre o dialético e a dialética: o momento negativo é chamado o (momento) *dialético* porque é ele que permite realizar o “passo” ou a “travessia” para outro conceito, nesta marcha é que a dialética é entendida como método. *Dos três momentos do movimento, ele é o único digno de carregar o nome da totalidade deste movimento.* O momento do negativo confere-se esta dignidade em virtude do poder da dedução necessária e imanente que ele contém. Ele funda a possibilidade de uma *dedução metafísica* das categorias segundo a intenção de Kant,

<sup>12</sup> G. Lebrun, *La Patience du concept*, p. 333.

<sup>13</sup> *Phénoménologie de l'esprit*, Préface, trad. Jean Hyppolite, Paris, Aubier, 1939, p. 40.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 56.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 56. Mais abaixo ainda, “a dialética” (p. 60) de Platão é tida pela expressão do “puro conceito” (p. 61).

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 41.

<sup>17</sup> Hegel, *Science de la logique*, trad. p. 24

<sup>18</sup> A. Léonard, *Commentaire littéral...*, p. 539, nota 3.

<sup>19</sup> A. Léonard, *Commentaire littéral...*, p. 25.

intenção que, conforme Hegel, jamais foi convenientemente realizada<sup>20</sup>.

É também possível distinguir, no interior da meditação hegeliana sobre o método, as noções de “marcha” (*Gang*) e de “caminho” (*Weg*). A marcha parece mais relativa à *forma*, ao *ritmo*, ao “*método do movimento*” do conceito; quanto ao “caminho”, ele concerne antes ao *conteúdo*, o *elemento*, a *doutrina* deste movimento. Aqui está, por exemplo, um texto reaproximando forma, ritmo e método: “nenhuma apresentação pode ter valor científico senão tomando a marcha deste método [*den Gang dieser Methode*] e sendo conforme seu ritmo simples [*ihrem einfachen Rhythmus*]...”<sup>21</sup>. O ritmo dialético não é sempre o ritmo da marcha [*Gang*], o que contribui já para dissociar relativamente o conceito hegeliano de pensamento da noção de andamento: o ritmo do conceito é por vezes assimilado ao ritmo da harmonia, relação de balanceamento e de unidade “entre o metro e o acento”<sup>22</sup>, em tal texto metodológico enfim, trata-se do ritmo desta dança sagrada que é o “delírio báquico”<sup>23</sup>. No entanto, sem que ela seja única, não pode ser essencialmente uma marcha, o método é forma e ritmo: da marcha, da harmonia e da dança. De seu lado, o conteúdo, elemento no sentido de meio atravessado, a doutrina ensinada pelo sistema dos conceitos são noções próximas: “é, pois, também por este caminho [*in diesem Wege*] que deve se formar o sistema dos conceitos”<sup>24</sup>. O termo “enciclopédia”, pelo qual Hegel designa seu “sistema”, diz fortemente: ἡ ἐγκύκλιος παιδεία, estar-no-círculo-das-coisas-que-se-pode-ensinar! O círculo do método dialético impõe somente aos conteúdos empíricos ensinados pelas outras ciências um *sentido*; conferir um sentido é situar e orientar as significações do entendimento em uma totalidade de pensamento, pois “negligenciando pensar, de implementar a dialética especulativa que fluidifica as categorias do entendimento para as fazer entrar na epopeia unificada da razão, o homem da ciência fracassa ao fazer aparecer o *sentido*”<sup>25</sup>. Na *lógica*, o método é a última categoria vista, contendo o pensamento, que tendo esgotado todo conteúdo particular, toma por objeto sua própria forma. “O conteúdo é o sistema *do lógico*. Como *forma*, nada resta aqui à ideia senão o

<sup>20</sup> Sobre o aspecto metodológico das críticas hegelianas a Kant, cf. nosso *Hegel critique de Kant*, Paris, PUF, 1985, p. 40.

<sup>21</sup> Hegel, *Science de la logique*, tradução ligeiramente modificada, p. 26.

<sup>22</sup> *Phénoménologie de l'esprit*, p. 54.

<sup>23</sup> *Ibid.*, Préface, p. 40.

<sup>24</sup> Hegel, *Science de la logique*, trad. p. 24.

<sup>25</sup> Bernard Quelqueju, *La volonté dans la philosophie de Hegel*, p. 321.

*método* deste conteúdo...”<sup>26</sup>.

O imperativo de resolver dialeticamente o problema das relações entre método e doutrina não nos constringe a abandonar a imagem do caminho do pensamento como “não levando a lugar algum”? Enquanto especulativo, o pensamento é, com efeito, ao mesmo tempo, sujeito e objeto dele mesmo e a forma do pensamento pensante indissociável do conteúdo, disto que é pensado. Entrando na *dança* ou no fluxo *harmonioso* do sentido, a significação determinada não pode mais se compreender como um quadro ou paisagem conceitual *encontrada no caminho*. Não “se” passa de um conceito a um outro como “se” passa *num* caminho: isso é a significação que passa, ou retorna a si a partir de uma outra, ou então, enfim, desenvolve-se.

Passar (*Übergehen*), aparecer (*Schein*), desenvolvimento (*Entwicklung*), tais são com efeito as modalidades *do* dialético. As três modalidades correspondem às três partes da *lógica*: “a forma abstrata da progressão é no ser um *outro* e uma *passagem* a um outro, na essência um *aparecer no oposto*”<sup>27</sup> ..., enquanto que “a progressão do conceito não é mais passagem nem aparecer numa outra coisa, mas *desenvolvimento*...”<sup>28</sup>. O dialético enquanto momento metodológico da progressão realiza, pois, *diversamente* a dialética. Em síntese, a elucidação das relações entre o dialético e a dialética em Hegel, conduz à ideia de que não há *uma* dialética, mas *as dialéticas*<sup>29</sup>. E, por conseguinte, somos tanto menos levados a negligenciar a pobreza pretendida do pensamento dialético em favor das riquezas combinatórias do entendimento analítico quanto este desprezo que hoje parece frequente repousar sobre a ignorância da natureza, isto é, a ausência da leitura *das* dialéticas no texto hegeliano: “*de que fala Hegel?* O esquecimento desta questão primeira, explica que a história da crítica de Hegel seja principalmente a história das incompreensões e dos contrassensos cometidos ao encontro de seu pensamento mais comprovado?”<sup>30</sup> À uma racionalidade dialética empobrecida pelas necessidades de uma causa hiperformalista, “a esta pobre permuta que supõe dois jogadores de xadrez suficientemente infantis para procurar simplesmente em uma perspectiva bi-polar, binária, unívoca e unilinear, a troca de sua posição respectiva

<sup>26</sup> Hegel, *Encyclopédie*, § 237, trad. p. 460.

<sup>27</sup> Hegel, *ibid.*, § 240, trad. p. 461.

<sup>28</sup> Hegel, *ibid.*, § 161, trad. p. 407.

<sup>29</sup> Cf., por exemplo, “As modalidades da dialética e as três esferas da lógica” em nosso livro *Hegel*, Paris, Vrin, 1997, p. 130-153.

<sup>30</sup> Bernard Quelqueju, *La volonté dans la philosophie de Hegel*, p. 19.

segundo a forma mais pobre da negatividade, a contradição”<sup>31</sup>, preferir-se-á então sem pena “os desenvolvimentos da ciência contemporânea e da epistemologia que a acompanha, em que uma rede formal rigorosa de uma infinita riqueza desdobra o conjunto fecundo de suas multipolaridades...”<sup>32</sup>. Porque ela é propriamente inseparável do pensamento de um conteúdo determinado, a progressão dialética, na triplicidade de sua forma ôntica, essencial ou eidética, e conceitual, escapa precisamente em Hegel a este reproche de esquematismo pobre e morto. Tais críticas parecem ignorar que Hegel, em seus textos clássicos, fustiga em Schelling a utilização da dialética “reduzida a um esquema sem vida”<sup>33</sup>. Deixemos, pois, a Hegel o cuidado de responder: “a determinabilidade tirada do esquema e aplicada do exterior ao ser-aí é na ciência, ao contrário, a alma movendo-se de conteúdo pleno”<sup>34</sup>. Não somente Hegel não deixa a nenhum outro o cuidado de desmontar os “mecanismos” dialéticos, mas, invertendo as pré-concepções hiperformalistas, interroga-se lealmente sobre as riquezas do pensamento formal. Caso se pode, certamente, medir a riqueza do pensamento com o número de combinações que sua forma sabe revestir, em relações exatas, com um conteúdo exterior qualquer, em virtude daquela evidência primeira seria desprezada a possibilidade de um outro critério: a potência do negativo e, propriamente, a capacidade que tem o pensamento humano de *engendrar o sentido* de seus pensamentos pensando-se a si mesmos? Conhece-se, mantendo-se, a apreciação hegeliana segundo a qual a atividade de calcular “não vale muito mais do que aquele jogo ao qual as crianças se envolvem e que consiste, a partir de tabelas cortadas de diversas maneiras, procurar os pedaços que se adaptem uns aos outros”<sup>35</sup>. Enquanto “quebra-cabeça”, “o calcular é um empreendimento neste sentido exterior e, portanto, mecânico, que se pode, como se sabe, fabricar *máquinas* que efetuam as operações aritméticas da maneira mais perfeita que seja”<sup>36</sup>. Entre o *cálculo* e o *conceito*, a diferença cairia, então, sobre aquele que separa o *jogo mecânico* e o *trabalho orgânico* do pensamento? Certamente, mas a questão mais profunda pode ser a seguinte: por que os termos “jogo” e “mecanismo”,

---

<sup>31</sup> Jean-Marie Benoist, *Marx est mort*, Paris, Gallimard, “Idées”, 1970, p. 240.

<sup>32</sup> Jean-Marie Benoist, *ibid.*, p. 241.

<sup>33</sup> Hegel, *Phénoménologie de l'esprit*, Préface, trad. p. 42.

<sup>34</sup> Hegel, *ibid.*, p. 45-46; segundo nosso conhecimento, Hegel não cita os termos, banalizados depois, tese-antítese-síntese, que sobre isso um texto de suas *Lições sobre a história da filosofia* onde o “ritmo do conhecimento” é apresentado como “um esquema geral” (*Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Glockner, 19, p. 610).

<sup>35</sup> Hegel, *Science de la logique*, trad. p. 23.

considerados como muito convenientes, banais, até desprezados nas epistemologias de uso interno, tornar-se-iam subitamente infamantes sob o único pretexto de que isso é um metafísico que faz uso delas tirando as consequências? A avaliação hegeliana não comporta nenhum desprezo, mas uma atenção vigilante ao primeiro momento do pensamento, quantidade e cálculo, que foram objeto de longas e minuciosas análises<sup>37</sup>. É bem contestável que, no caso, se o pensamento filosófico deve procurar o sentido da quantidade num “conceito de cálculo”, um “cálculo do conceito” enquanto tal é coisa impossível?

Em que consiste esta “passagem”, modalidade do dialético no âmbito do Ser? Negar-se se pondo como ser, negar-se pelo e no ato mesmo de se afirmar, *isto* se chama “passar”. Um ser (um *ente* oriundo da *Lógica* do Ser) apenas é inicialmente, para *depois* se negar; sua autonegação é *imediata* e suprimida. “Imaginariamente, observa G. Lebrun, parece sem dúvida absurdo que a dissolução de *algo* seja o desdobramento de seu sentido”<sup>38</sup>. Passagem... Que se sonhe, seguramente, no tempo que se disse, a justo título, que ele *passa!* Este sendo físico depende da *Lógica* do Ser, mais precisamente da Quantidade. Ele passa nele mesmo, seu ato de ser, sua subsistência sendo, paradoxalmente, apenas um aniquilamento de si em si mesmo. Subsistir dissolvendo-se, dissolver-se subsistindo, tal é precisamente a especificidade dialética da passagem num outro (*Übergehen in Anderes*). Escutemos Hegel: “Espaço, tempo, etc. são um *ir-fora-de-si*, um correr, o qual não passa no oposto [...] mas eles são como um *sair-de-si*, um ato permanente de *autoprodução*”<sup>39</sup>. Considerado em seu estado puro, o lógico do tempo é a quantidade; ora, “a primeira forma da quantidade pura, a grandeza contínua, é igualmente discreta, pois ela é, certamente, continuidade, mas somente continuidade *dos muitos*. Quanto à segunda forma da quantidade pura, a grandeza discreta, ela é igualmente contínua, pois sua discricção é o discernimento ou a descontinuidade dos uns que são sempre os mesmos [...]”<sup>40</sup>. No ser, o negativo adere ao conteúdo afirmado, o qual é apenas a outra face ou o inverso: “é um vai e vem sem fim, mas que se inscreve

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 201.

<sup>37</sup> Os dois últimos terços do livro do *Ser*, Quantidade e Medida, da *Ciência da Lógica*. Cf. J. Hyppolite, *Logique et existence*, Paris, “Epiméthée”, 1953, p. 55: “sua crítica antecipada permanece válida, ao menos contra uma pretensão deste formalismo de substituir a linguagem verbal para enunciar os problemas filosóficos”; e mais abaixo, *ibid.*, p. 62: “é a crítica do cálculo que pretendia substituir a procura do sentido que faz Hegel”.

<sup>38</sup> G. Lebrun, *La Patience du concept*, p. 299.

<sup>39</sup> Hegel, *Science de la logique*, p. 171.

no conceito, a saída de uma das determinações para seu outro, da continuidade à negatividade, da negatividade à continuidade”<sup>41</sup>. Metodologicamente, esta supressão simples de significações tem por resultado esta outra determinação da passagem: “nesta progressão por rupturas, as determinações finitas denunciam sem dúvida sua instabilidade, mas somente sob a forma da *substituição* de um conteúdo por outro conteúdo diferente”<sup>42</sup>. Esta exterioridade relativa dos conteúdos categoriais sobrecarrega de uma certa contingência a “dedução” das categorias. Mas, admiravelmente, esta exterioridade provém de uma “inversão”, ou de um outro “aspecto” da *mesma* categoria. O conteúdo afirmativo não é, pois, *relacionado* a um outro conteúdo que coexistiria com o primeiro: o Ser e o Nada, por exemplo, não são correlativos ou complementaridades opostas.

A relação ao outro é, ao contrário, constitutiva das categorias da Essência. Em sua significação primeira, uma categoria, por exemplo a Identidade, compreende-se apenas em referência à sua oposta, a Diferença; longe de *passar*, isto é, de se suprassumir, ela se reflete. “Na essência, as determinações se refletem umas sobre as outras, elas aparecem umas nas outras, posto que elas são intrinsecamente relativas umas às outras”<sup>43</sup>. Em uma nota bem preciosa de seu longo *Comentário Literal* do § 112, consagrado à dialética do “parecer”, André Leonard sublinha quanto ao equívoco do termo alemão *Schein* tem de alcance especulativo. Na essência, o Ser não desapareceu, mas suas determinações – qualidade, quantidade e medida – perdem seu *estatuto* de desvanecimento somente constatado e por consequência de exterioridade, isto é, de *opacidade* ou de *obscuridade* para o pensamento. Literalmente, o Ser *se ilumina*: “ele não é, pois, mais o ser opaco em sua imediatidade, mas o ser iluminado onde transparece, como em seu reflexo ou seu brilho, a luz pura, a pura difusão luminosa de si, da essência...”<sup>44</sup>. A antiga metáfora associando a luz à inteligência se reencontra intacta no *Schein* hegeliano. Mas, igualmente como a “passagem”, em seu equívoco, designava tanto o caráter “desvanecendo” dos pensamentos quanto a progressão pelo “salto” do pensamento pensante, igualmente o “aparecer” significa tanto o caráter luminoso da essência para o *pensamento inteligente* quanto a reflexão um

---

<sup>40</sup> A. Léonard, *Commentaire littéral...*, p. 96.

<sup>41</sup> Hegel, *Gesch. Philo.*, Glockner, 17, p. 332, *apud* in: G. Lebrun, p. 238.

<sup>42</sup> G. Lebrun, p. 327.

<sup>43</sup> A. Léonard, p. 38.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 135, nota 10.

no outro dos *pensamentos inteligíveis*. É que, com efeito, a clareza conceitual do ser provém da dependência intrínseca de suas determinações a respeito “de um elemento que permanece, e este é inicialmente a essência”<sup>45</sup>. As antigas determinações qualitativas, quantitativas, métricas, do ser tem um novo estatuto: elas “manifestam” a essência que “aparecem” nelas, o que diz também o vocábulo alemão *Schein*<sup>46</sup>. Mas se o ser é a aparência manifestando a essência, esta última apenas sai de si para retornar a si, pois sua expansão no “aparecer” é identicamente uma confirmação de seu caráter fundador; em síntese, no ser, ou no outro, ela se reflete em si-mesmo, a reflexão sendo o retorno de um termo sobre si-mesmo por intermédio de um outro termo, lhe servindo de “espelho”, confirmando e esclarecendo.

Todavia, a mediação, característica da essência, não está completa, e os contrários conservam ainda uma relativa independência. O outro no qual a essência se confirma aparecendo nele não é a autodiferenciação da essência. Este dualismo ontológico implica que uma autossubsistência está pressuposta: “a causa, por exemplo, encontra sua inteira determinação numa unidade negativa que a relige ao efeito, mas a imediatidade resultante do acabamento desta mediação não é constitutiva de sua própria relação a si, mas daquela da *substância passiva* que lhe é pressuposta”<sup>47</sup>. Incompleta, a relatividade reflexiva da essência se encontra simplesmente unida à imediatidade de um meio de ser (cf. a matéria em Platão) onde ela aparece. O entendimento “reflexivo” apenas pode religar os dois aspectos da autossubsistência e da relatividade “por um simples “também” colocando-os um ao lado do outro...”<sup>48</sup>. Somente o conceito apresentará a identidade na diferença dos dois contrários afirmando assim sua superioridade sobre o Ser, que os identifica imediatamente pela “passagem” e sobre a Essência, na qual, sua diferença, repousando sobre a heterogeneidade do Ser e da Essência, não pode ser inteiramente levada à identidade.

Gérard Lebrun observa, quanto a isso, que se trata de distinguir a “dialética essencial” da “dialética ontológica”: “aqui, mais de passagem, não o A que se destruiria

---

<sup>45</sup> Hegel, *Encyclopédie*, § 112, trad. p. 547.

<sup>46</sup> No caso de Hegel, um *Commentaire littéral* fiel deve evitar os equívocos etimológicos; respeitará nisso um dos temas fundamentais da filosofia hegeliana da linguagem: “isso pode ser uma alegria para o pensador reencontrar tais palavras e encontrar a união dos contrários, que o entendimento julga absurdo como resultando da especulação, de uma maneira ingênua, no estado lexical de uma palavra tendo duas significações opostas” (*Wissenschaft der Logik*, I, Ed. G. Lasson, Hamburg, F. Meiner, 1975, p. 109).

<sup>47</sup> André Léonard, p. 334-335. Itálico nosso.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 148.

para vir-a-ser B”<sup>49</sup>. E como André Leonard, ele indica que a unidade sintética do “momento especulativo” é, na Essência, incompleta; a determinação recíproca dos contrários, enquanto reflexão infinita, não é, ao menos do lado da categoria da ação recíproca, a determinação para si da liberdade, ato do pensamento que se pensa: “ele não se importa de que a exterioridade dos conteúdos, marca da finitude, seja ainda reabsorvida: a dialética da essência permanece sobrecarregada de ingenuidade”<sup>50</sup>. O autor de *A paciência do conceito* crê mesmo poder revelar uma “violência” própria da Essência a respeito do Ser. Se, com efeito, as “passagens” do Ser são facilmente transponíveis e reparáveis nas violências da natureza, esfera onde predomina esta modalidade do dialético, a lógica do “aparecer” se aplica de maneira predominante às categorias da ciência do Espírito. Certamente, as violências do Espírito são menos mortíferas, pois a *coexistência* com o Outro (coisa ou eu) é indispensável a fim de que o Espírito aí se reflita. Mas precisamente, o outro é, então, considerado como um *meio* e não como um fim em si mesmo. Até a razão e seus conceitos não são, nesta perspectiva, considerados apenas como instrumentos, assim como se vê em Descartes e Kant. O dialético do aparecer impõe assim sorrateiramente seu estilo ao discurso filosófico: “Até onde podemos conhecer?” significa “Até onde podemos ganhar sobre o outro?”<sup>51</sup>.

Quem negaria que a consciência seja, na esfera do Espírito, a melhor “aplicação” da aparência dialética? A consciência, enquanto intencional, apenas compreende-se quando reenviada a um objeto<sup>52</sup>. Reciprocamente, se toda consciência é consciência de algo que não é a consciência mesmo, todo objeto indica um modo de alteridade em que a consciência está implicada. O tema da obra de Quelquejeu, *A vontade na filosofia de Hegel*, comporta esta correspondência: “o sentido de *Erscheinung* não pode ser fechado com rigor em se referindo à Lógica da Essência, que é, na Lógica, o momento homólogo daquele da *Fenomenologia* da consciência”<sup>53</sup>. Depois, ele cita Hegel: “enquanto eu, o espírito é *essência (Wesen)* [...] enquanto consciência, é apenas o *aparecer (das Erscheinen)* do espírito”<sup>54</sup>. Os textos da *Fenomenologia* admitem a

---

<sup>49</sup>G. Lebrun, p. 328.

<sup>50</sup>G. Lebrun, *ibid.*

<sup>51</sup>G. Lebrun, p. 331.

<sup>52</sup> Entendido em *stricto sensu*, esta noção convém apenas à *Fenomenologia do Espírito*: o *Gegenstand* é o objeto oposto ao sujeito, face a face; o *Objekt* é, ao contrário, uma categoria da lógica do conceito, indicando a necessidade e a universalidade do pensamento.

<sup>53</sup> B. Quelquejeu, *La volonté dans la philosophie...*, p. 108.

<sup>54</sup> Hegel, *Encyclopedia*, § 414, trad. in B. Quelquejeu, p. 108.

extensão *ao detalhe das análises* da homologia percebida. Assim, do mesmo modo que a dialética puramente lógica da Essência encontra seu fim na liberdade que assegure a transição da Essência ao Conceito, igualmente a dialética fenomenológica encontra o seu [fim] na razão, “o puro conceito existente para si mesmo, o eu, a certeza de si mesmo como universalidade infinita”<sup>55</sup>. A razão fenomenológica estabelece a transição da Essência ao Conceito no Espírito subjetivo. E, com efeito, as maiores dialéticas da Antropologia, primeiro momento do Espírito subjetivo, são todas *passagens*, enquanto que aquelas da Psicologia, última ciência do Espírito subjetivo, são todas dialéticas do *desenvolvimento (Entwicklung)*. Examinemos, para verificar nossa tese, os principais momentos negativos no interior da Antropologia. Trata-se das “modificações naturais”<sup>56</sup>, do “sentimento-de-si”<sup>57</sup>, da “expressão humana” do Espírito<sup>58</sup>. Ora, as modificações naturais do homem são, tipicamente, *passagens: sucessão* das idades da vida, *despertar* da necessidade sexual, *alternância* da vigília e do sono que não são “simples alterações, mas dos estados que se alternam (progresso ao infinito)”<sup>59</sup>. O sentimento-de-si implica, por sua vez, uma dialética *quantitativa* da passagem, posto que ela consiste em relacionar uma alma *única* e permanente com a *multiplicidade* de sentimentos passageiros. Enfim, entre as diversas expressões corporais do psiquismo (gestos, mímicas, voz), isso é “sua espiritualidade espalhada sobre o conjunto que enuncia imediatamente que o corpo é a forma exterior de uma natureza mais alta”<sup>60</sup>. Ora, precisamente, a expressão *falada* é como um paradigma para a definição da *passagem* que nós damos, ilustrando então, pelo exemplo do tempo. Segundo G. Lebrun, “a expressão é o exemplo de uma presença inseparável de uma dissolução”<sup>61</sup>, pois, assim como diz Hegel do eu que se expressa: “este desaparecer é, então, ele mesmo imediatamente seu permanecer” [*Dies Verschwinden ist also selbst unmittelbar sein Bleiben*]<sup>62</sup>.

Consideremos no momento algumas dialéticas importantes da Psicologia. Hegel

<sup>55</sup> Hegel, *ibid.*, § 439, trad. in: B. Quelquejeu, *op. cit.* p. 139.

<sup>56</sup> Hegel, *ibid.*, § 396, trad. B. Bourgeois, Vrin, 1970.

<sup>57</sup> Hegel, *ibid.*, § 407, trad. cit.

<sup>58</sup> Hegel, *ibid.*, § 411, trad. cit.

<sup>59</sup> Hegel, *ibid.*, § 399, trad. cit.

<sup>60</sup> Hegel, *ibid.*, § 441, anotação, trad. cit.

<sup>61</sup> G. Lebrun, p. 198.

<sup>62</sup> Hegel, *Phénoménologie de l'esprit*, trad. J. Hyppolite modificada, II, p. 69.

começa por indicar que “o progresso do espírito é um *desenvolvimento*”<sup>63</sup>. Bernard Quelquejeu explica que se trata aí de um “termo específico, apropriado para designar este tipo de progresso na esfera mediatizada do Espírito”<sup>64</sup>. Ato culminante do espírito livre, o juízo da inteligência ilustra com efeito uma dialética fundamental do Conceito: ser relação predicativa ao outro na identidade a si da cópula. Quanto à vontade livre, fase última do espírito prático, ela comporta igualmente esta “relação a si como a um outro” característica do Conceito. Enquanto ele *se quer ele-mesmo* na sua liberdade, o Espírito está bem relacionado a si; e, entretanto, *se querendo* ele-mesmo, ele apenas pode ser outro de si nesta relação mesma, e deve *fazer-se*. Mas, seria mais proveitoso entrar no detalhe do desenvolvimento do espírito após ter meditado o *Comentário* que oferece A. Léonard do desenvolvimento puramente lógico. É suficiente ter mostrado que, em Hegel, a alma *passa* (Antropologia), a consciência *aparece* (Fenomenologia), o espírito *se desenvolve* (Psicologia).

O Conceito, enquanto sujeito-objeto, ser para si, liberdade, está já presente nas esferas do Ser e da Essência. Todas estas categorias são, com efeito, momentos do pensamento, pensando-se ele-mesmo, mas este, até aqui, apenas fez pensar *seus pensamentos* (Lógica objetiva) e não *seu pensar* (Lógica subjetiva). A transição da Lógica objetiva à Lógica subjetiva é assegurada pela categoria da ação recíproca. O fim da necessidade, enquanto mudança recíproca (*Wechsel*), é a “ação recíproca” (*Wechselwirkung*), “relação dual consigo como com um outro”<sup>65</sup>. Trata-se, pois, de *uma só e mesma* substância que permanece junto de si na interação das realidades *diversas* que agem e reagem *umas sobre as outras*. A substância manifesta ativamente sua identidade na interação destas diferenças. Mas a perfeição (e, então, a realidade efetiva de uma tal relação) é apenas o pensamento pensando-se ele-mesmo. “Ora, a liberdade não é nada mais, para Hegel, do que esta necessidade intrínseca e transparente pela qual o Pensamento dispõe soberanamente das determinações lógicas *necessárias* como de *suas próprias* determinações de si para si”<sup>66</sup>. A necessidade verdadeiramente realizada é, pois, a liberdade do pensamento compreendendo a necessidade dos conceitos que ele engendrou nele-mesmo. Há, então, apenas o pensamento *reflexivo* e, enquanto

---

<sup>63</sup> Hegel, *Encyclopedia*, § 442, trad. cit.

<sup>64</sup> B. Quelquejeu, p. 153, nota 28.

<sup>65</sup> A. Léonard, *Commentaire* do § 158, p. 301.

<sup>66</sup> A. Léonard, *ibid.*, p. 302.

realização da reflexão, o pensamento filosófico que seja liberdade.

O que se chama pensar? (*Was heisst Denken?*) Eis a resposta da *Fenomenologia do Espírito*: “comportar-se a respeito da essência objetiva de modo que ela tenha a significação do ser-para-si da consciência pelo qual ela é, isso é o que quer dizer pensar”<sup>67</sup>. Pensar é conceber; segundo André Léonard, Hegel compreende o *conceber* na tríplice etimologia do *concupere*. Conceber é, inicialmente, apreender a necessidade de uma significação universal, *entender*, mas também *engendrar*, e por fim, juntar, *reunir*<sup>68</sup>. Há um certo vínculo de dependência entre estes três sentidos do conceito. É porque ele *se pensa* ele-mesmo que o pensamento é suscetível de *se engendrar* ou de *se desenvolver* e é enquanto que ele se desenvolve que ele é igualmente o recolher ou o *compreender* de todas as significações num só sistema, em que elas têm um sentido, uma orientação circular perfeita. Assim se exprime A. Léonard: “o conceito (*conceptus*) é a própria concepção (*conceptio*) para si, e o próprio engendramento de todas as determinações lógicas que nascem dele como seu princípio criador”<sup>69</sup>. As categorias do Ser e da Essência, em sua infinitude verdadeira ou momento sintético (Devir, Fundamento, etc.) e “sobre este retorno em si, desta totalização e desta compreensão sintética, são, pois, conceitos (*concupere*)”<sup>70</sup>, mas apenas o são imperfeitamente, posto que contrários e conservando sempre alguma exterioridade de um em relação ao outro. No ser, *eles cedem lugar* face ao pensamento e, na Essência, um encontra no outro um centro ou meio exterior de seu aparecer: “este outro, no qual a Essência se assegura de si mesmo aparecendo nele, não tem *antes da ação recíproca* a mesma dignidade que ela”<sup>71</sup>.

O conceito de *desenvolvimento* (*Entwicklung*), terceira forma do dialético, indica

<sup>67</sup> *Phénoménologie de l'esprit*, trad. ligeiramente modificada, I, p. 168. Que nos seja permitido juntar aqui esta passagem das *Lições sobre a história da filosofia*: “Na medida em que a ideia é ser que se pensa ele mesmo absoluto, ela é a atividade do pensar em si-mesmo; e a *dialética*, igualmente, não é outra coisa do que a atividade do que se pensa a si mesmo nele mesmo” (*Leçons sur l'histoire de la philosophie*, trad. P. Garniron, III, Paris, Vrin, 1972, p. 451, com itálicos nossos).

<sup>68</sup> É claro que a etimologia alemã de *begreifen* confere o “tomar” e não “engendrar”. Em sua *Estética*, Hegel afirma que a significação sensível do *begreifen* é apenas *transportada* (*übertragen wird*) na ordem do espiritual (*Esthétique*, trad. Paris, Aubier, 1944, II, *L'art symbolique*, chap. 3, B. 3, “A metáfora”, p. 118). Isto é dizer que a significação conceitual não se reduz à significação imaginada. Cf. Paul Ricouer, *La métaphore vive*, Paris, Ed. Seuil, 1975, p. 371-372 e p. 363-364.

<sup>69</sup> A. Léonard, p. 320.

<sup>70</sup> A. Léonard, p. 323. Cf. igualmente p. 302: “a conotação que predomina aqui é aquela que deriva da etimologia primeira tanto do alemão *begreifen* (“apreender reunindo”) quanto do latim *concupere* (“tomar junto”)”.

<sup>71</sup> A. Léonard, p. 318.

esta identidade consigo que apenas se realiza em uma diferenciação ou oposição a si-mesmo. É a *universalidade* de um só e mesmo ser que se diversifica em suas divisões *particulares*. Tal é a *singularidade* verdadeira do juízo cuja etimologia alemã (*Urteil*) indica, segundo Hegel, esta divisão (*Teil*) originária ou geradora de si (*Ur*), o que se pode dizer: “todas as coisas, consideradas segundo seu conceito, são um juízo”. As três figuras maiores do Universal concreto (silogismo do juízo formal, organismo do juízo natural, ideia absoluta ou pensamento do pensamento) são todas, eminentemente, desenvolvimentos. O silogismo, inicialmente, é a “restituição da unidade totalizante do conceito no centro mesmo da dissociação judicativa<sup>72</sup>”. Quanto ao organismo, ele é certamente apenas enquanto, faltando elementos que estão em seu meio, “visa” sua alteridade como sua própria; enfim, reproduzindo-se, ele não é senão concebendo, engendrando um outro vivente no qual ele continua. Um conceito como aquele do “meio interior”, formado por Claude Bernard exatamente após a morte de Hegel, correspondendo, entretanto, perfeitamente à dialética da “figuração” do vivente no interior de si mesmo que nós evocamos. Trata-se de um “meio” e, portanto, de uma alteridade que produz em si-mesmo o organismo; nele, ele está perfeitamente “junto a si”. A ideia de “junto a si” (*bei sich*) expressando o lugar (junto) de um ente é a essência mesma (si) deste ente<sup>73</sup>. Fazer de si seu lugar, tal é sem dúvida uma das funções primordiais do vivente segundo Claude Bernard, isto é, do conceito segundo Hegel. O espírito, para terminar, apenas é enquanto *se pensa*, e se identifica enquanto se opõe a si mesmo nele mesmo, num eu-sujeito e num eu-objeto, “um objeto no qual todas as determinações vieram *se reunir*”<sup>74</sup>. A noção de desenvolvimento remete, segundo a expressão de Bernard Quelquejeu, “a abandonar-se a uma sorte de matriz lógica da dialética hegeliana”<sup>75</sup>. Bernard Quelquejeu propõe uma aproximação entre o discurso do conceito e o discurso poético. Aqui e ali, a mesma exigência de *unidade* e de *ação* a respeito das significações. Reunir, de uma parte, as zonas mais diversas do real – o que o símbolo e a dialética fazem cada um em seu nível; fazer e refazer as significações, de

<sup>72</sup> A. Léonard, p. 391, comentário ao § 181.

<sup>73</sup> Cf. “A finalidade interna do organismo de Kant a Hegel: de uma epistemologia crítica a uma ontologia da vida”, em *Études post-kantiennes*, II, Lausanne, L’Âge d’Homme, p. 35-50, inicialmente publicado em *Hegel und die “Kritik der Urteilskraft”*, Klett-Cotta, Hegel Vereinigung, 1990.

<sup>74</sup> Hegel, *Encyclopédie*, § 236, trad. p. 460.

<sup>75</sup> B. Quelquejeu, p. 65.

outra parte, cessando de as *sofrer* passivamente em nível das “palavras da tribo”<sup>76</sup> ou da opinião. Pois, do mesmo modo que o poeta é aquele que *faz*, o conceito hegeliano é uma verdadeira “matriz” de significações<sup>77</sup>. Entre o filósofo e o poeta, todos os dois devotados ao pensamento, não permaneceria mais do que a diferença que separa a impaciência do símbolo da “paciência do conceito”. A razão dialética se reconhece em seu outro: a imaginação simbólica.

O autor da obra que traz este título nos exige, quanto a ele, de romper a antiga aliança associando “método” e “andamento”, a fim de melhor pensar o Conceito hegeliano. As metáforas de marcha e de caminho, que nós estudamos acima, apenas têm um valor parcial e provisório: tudo o mais lhes convém nas esferas do Ser e da Essência. Para “a dialética superior”<sup>78</sup>, aquela do conceito, é preciso abandonar o esquema de uma trajetória do pensamento. Passar, ao contrário, de uma categoria à outra, ou deixar aparecer um no outro, é nos dois casos percorrer uma via sobre a qual se reencontram as significações diferentes sem compreender cada uma delas como autodiferenciação de um primeiro termo. Do ato do ser conceitual, poder-se-ia dizer como escreveu W. Bröker do *ato* em Aristóteles, pois a *ἐνέργεια* está bem próxima da atividade (*Tätigkeit*) do Conceito: “o ver não está no caminho; nada há fora dele em que ele deveria ainda chegar”<sup>79</sup>. Hegel nos recomenda distinguir o pensamento conceitual do pensamento que representa seu objeto; é que os diferentes pensamentos não são os conteúdos de um espetáculo que percorreria, de passagem, nossa visão; as significações não são mais estas ideias-quadros de que falava Descartes ou estas tábulas, rasas ou não, que nos forneceram Locke ou Leibniz. O Conceito hegeliano, situado, à parte, fora das vias em que se caminha, longe dos espelhos onde se aparece, não é propriamente *desorientador*? Ora, sem dúvida, é ainda possível se orientar no pensamento?... Certamente sim, mas a

<sup>76</sup> Sobre a comparação entre a dialética hegeliana e a poética mallarmeana, cf. nosso estudo *Mallarmé et l'éthique de la poésie*, Paris, Vrin, 1992, capítulo I, p. 13-25.

<sup>77</sup> B. Quelquejeu, p. 335-340. B. Quelquejeu não cita *nenhum* texto de Hegel para apoiar sua hipótese. Certos textos da *Estética*, entretanto, a corroboram. Pois se a “consciência prosaica” tende a dividir a realidade em setores estranhos uns aos outros e a considerar toda coisa, não por ela mesma, mas como meio para seus próprios fins exteriores, “o pensamento especulativo, que apresenta de fato uma certa afinidade com a imaginação poética, evita os defeitos das representações...” (*Esthétique*, trad. S. Jankélévitch, Aubier, *La poésie*, I, p. 49). Ela apresenta, *de maneira desinteressada, o real em sua unidade*: “graças a este procedimento, a filosofia especulativa é capaz de produzir obras que parecem nisto com as obras poéticas, apresentam uma identidade e um desenvolvimento, determinados pelo conteúdo mesmo, delimitado por ele”. (*ibid.*, p. 34).

<sup>78</sup> Hegel, *Principes de la philosophie du droit*, op. cit., trad. p. 140.

<sup>79</sup> W. Bröker, *Aristóteles*, citado in: G. Lebrun, *La patience du concept*, p. 358. Trata-se do comentário do *ato*, em *Metafísica*, θ, 6.

condição expressa de renunciar a este postulado falsamente evidente, relativo ao estatuto da alteridade, e segundo o qual o “outro” é um termo para o qual é preciso ir. Mas, isto apenas é um modo possível de entender a alteridade, *um postulado* (e não uma evidência) solidário de uma perspectiva instrumental sobre os conceitos e a significação. A adoção quase permanente deste postulado, cuja utilidade é por assim dizer vital, o eleva à dignidade suspeita do familiar, que enquanto notório é “o bem-conhecido” (*das Bekannte*)<sup>80</sup>. Mas que este postulado bem conhecido seja “reconhecido”, que se deixe dizer a significação deixando de manipular a maneira do “homo faber” bergsoniano: “que se explicito o sentido em lugar de impor a função: sobre o *caminho não traçado*, vai-se de surpresa em surpresa”<sup>81</sup>. Um pouco como a geometria euclidiana em relação àquela de Riemann, o código *prosaico* da significação é apenas um aspecto particular, relativamente pobre, da dialética abstratamente reduzida ao seu primeiro momento, aquele do entendimento. “Ser hegeliano é pôr a recusa deste código, não é de modo nenhum o sacrifício do sentido, mas, ao contrário, a condição de sua livre circulação”<sup>82</sup>. O que há de mais próximo, no entanto, do que a dialética do Conceito reencontrada na sua totalidade, esta identificação de si que se realiza efetivamente e paradoxalmente na autodiferenciação? Esta dialética do Conceito que o entendimento considera precisamente irracional, *inconcebível*<sup>83</sup>, nosso espírito a efetua, reflexivamente desde que ele *se decide*<sup>84</sup> a pensar seus pensamentos, e nosso corpo, espontaneamente, todo o tempo que ele vive a sua vida.

*Artigo recebido em fevereiro de 2011*

*Artigo aceito para publicação em junho de 2011*

<sup>80</sup> Hegel, *Phénoménologie de l'esprit*, trad. I, p. 30.

<sup>81</sup> G. Lebrun, p. 292; itálicos nossos.

<sup>82</sup> G. Lebrun, p. 293.

<sup>83</sup> Hegel, *Principes de la philosophie du droit*, *op. cit.*, § 7, p. 124: “o verdadeiro e o especulativo [...] é isso em que o entendimento recusa-se entrar, ele que nomeia sempre o conceito de inconcebível”.

<sup>84</sup> Esta de-cisão (*Ur-teil*) de si é o ato inaugural pelo qual o pensamento livre se determina a julgar seus pensamentos e seu pensar, contidos até sofrer a título de representações opinantes.